

17º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2018

RELATO REAL

VENHA LER AO PÔR DO SOL COM SEUS ALUNOS

Autor: Severino Rodrigues da Silva
Piranhas - AL

Sempre me preocupei em incentivar o hábito da leitura nos meus alunos. E a melhor forma de fazer isso é, além de dar o exemplo, ler junto com eles. E a gente lê bastante em sala de aula. Mas, atualmente, não sou professor do Ensino Infantil ou Fundamental, mas do Ensino Médio. Nessa etapa, quando muitos abandonam seus alunos por estarem “crescidinhos”, não deixo de lado meu papel e lemos.

No ano passado, passei por uma experiência curiosa. Havia ingressado no Instituto Federal de Alagoas, saí do conforto da casa dos meus pais e comecei a dar aulas numa cidade que só conhecia de foto: Piranhas. Nunca tinha pisado no alto sertão alagoano. A primeira vez que fui à cidade foi com a mala do carro cheia de roupas, livros e painéis, indo para ficar.

E tive a alegria de encontrar alunos maravilhosos e reencontrar o prazer de dar aula. Confesso que a correria da cidade grande tinha minado meus sonhos profissionais.

E lá estava eu, quase dois meses depois da chegada, preparando as aulas do 3º ano quando decidi trabalhar os contos de Lygia Fagundes Telles. Apesar de março, o ano letivo se encerrava – coisas das greves e paralizações – e era chegada a hora de enfatizar um pouco a literatura brasileira a partir do boom do gênero conto.

Fui à biblioteca, já tinha visto que lá havia sete exemplares da antologia Venha ver o pôr do sol e outros contos. Eu poderia pegar seis e levar para a sala de aula. E nada melhor do que começar com o conto que dava título ao livro e que me marcou anos atrás com aquele final assustador, digno dos piores pesadelos.

Desci para a sala de aula. Eram as duas últimas aulas do turno da tarde e distribuí os livros em trios. Apresentei a autora com a empolgação digna de quem a considera uma das escritoras mais merecedoras do Nobel e, em seguida, disse qual conto leríamos.

Nessa hora, um aluno deu a sugestão de fazermos a leitura ao ar livre. Perto da quadra, havia alguns bancos e algumas árvores. Concordei. E lá vamos nós para talvez a minha aula mais inesquecível.

Subimos. Como cenário, tínhamos agora, de um lado, as plantações dos alunos das aulas das disciplinas técnicas e, do outro, o Velho Chico. Sim, o campus é considerado um dos mais bonitos – pra mim o mais bonito – do país. Admirar a geografia sertaneja e as águas do rio São Francisco antes de entrar em sala é uma benção para poucos.

Os alunos se sentaram, abrimos o livro e iniciamos a leitura.

Para quem não se lembra ou ainda não conhece – os dois casos considero pouco prováveis –, esse conto narra o último encontro de Raquel e Ricardo. Ela o estava abandonando. Ricardo, então, pede para que vejam o pôr do sol juntos pela última vez. E o fato se dá próximo a um cemitério e é para lá que os dois se encaminham enquanto conversam sobre o presente e passado.

A atmosfera do conto é de arrepiar. E ler essa história ao vento frio de fim de tarde e com o sol se pondo no mesmo ritmo do conto não foi diferente. Os alunos, volta e meia, soltavam um ou outro comentário e eu curiosíssimo para ver a reação deles quando chegássemos ao final.

Lygia, como o perdão da intimidade, impacta pelos seus finais abertos, mas o leitor adolescente pede respostas. O que acontece depois? Termina assim? Mas a graça da coisa é justamente levantar hipóteses.

E me surpreendo com as interpretações dos meus alunos. Algumas eu não havia pensando, como, por exemplo, uma possível ambiguidade de Ricardo. Não posso entrar em detalhes para não estragar a leitura de quem por ventura não conheça o texto. Mas ficamos um bom tempo cogitando o futuro dos dois personagens da história.

Meus alunos estavam inspirados, a natureza estava inspirada, e eu estava extasiado. Nesse dia, fui menos mediador de leitura que meus alunos. Eles, sim, com espontaneidade e criatividade ultrapassaram as fronteiras do tempo e do espaço, da sala de aula e da imaginação.

Esse foi um daqueles dias em que se volta para casa com a certeza de que ser professor vale sim toda a pena.

RELATO FICCIONAL

LIVRO, PONTE QUE LIGA O DE FORA E O DE DENTRO

Autor: Sandra Ronca Cavalcanti

Niterói – RJ

O cão me observava da calçada. Parecia já conhecer a rotina. Entrei, passei pela roleta, me apresentei no guichê, peguei uma etiqueta e a coleí junto ao coração. Subi. Me alertaram que a menina já estava com seus dez anos e a mãe era incapaz de deixá-la cuidar de suas próprias tarefas. Isso começara a causar um certo estranhamento, um desconforto, na menina. Fosse excesso de proteção, descrença em sua autossuficiência... Fosse o, de repente, a mãe se sentir menos necessária. Desde de que a filha nascera, não fizera outra coisa na vida, salvo se dedicar aos seus cuidados. Acostumara-se ao hospital, ao trânsito de enfermeiras, aos corredores e seus movimentos.

Abri a porta do quarto 204. Pedi licença. Aquela menina mirradinha, estruturada como um quebra cabeça mal encaixado, na cadeira de rodas, estava de costas para a porta. Virou-se numa rápida manobra. Como de costume, me apresentei e ofereci uma história. Ela, com um sorriso incandescente, largou os lapis de cor e prontamente concordou. Atenta, ouviu a leitura de um livro que falava sobre segredos. Ela, conforme nosso trato, me devolveu uma história. Na realidade duas: uma, contada através de um desenho, onde dava a entender que tinha os seus segredos. Guardados em gavetas que só ela abria e compartilhava com uma amiga. Seus olhos sorriam enquanto narrava e delineava na folha, as cores laranja e verde. Depois, fez questão de me contar uma segunda história:

“Havia uma menina, chamada Samara, que se apaixonou por um menino. Este menino tinha hábitos estranhos. Um deles era criar sapos.

Um dia, seu sapo preferido de nome João, fugiu e pulou no colo da menina. O sapo João ficou olhando pra ela, viu um mosquito passando em frente à sua boca e, quando tentou comê-lo, sem querer, beijou Samara e virou um príncipe. Samara custou a acreditar e pediu mil e dois beliscões e desmaiou no décimo primeiro.

Quando acordou, estava num castelo, vestida de longo dourado com mangas de renda, toda arrumada. O cabelo estava mais comprido do que o normal, tinha uns riscos claros e era enfeitado de brilhantes.

Dois dias passaram. João gostava muito dela. O rei não, porque não era princesa de verdade e não sabia se comportar. Ela não deixava ninguém a vestir, pentear seu cabelo, não sabia comer direito, não deixava ninguém trabalhar. Queria arrumar o castelo e fazer tudo sozinha. Era um castelo muito grande. O rei quis que ela aprendesse bons comportamentos, quis dar aulas de como ser princesa. Ensinou e chamou muitos professores chiques.

Nem tudo deu certo. Para o rei. Mas Samara aprendeu um pouco a ser princesa, deixou os outros trabalharem. Parou de querer arrumar sozinha o castelo todo. Mas não deixava ninguém fazer as coisas pra ela, como se vestir, tomar banho e pentear o cabelo. Enfeitava-se do jeito que quisesse. Samara e o príncipe se casaram. E ele aprendeu, com ela, a cuidar de si.”

Minha narradora, agora mais ereta, sorriu, abriu os braços e disse “fim”. Ficamos felizes pela princesa e pelo príncipe.

Esse presente que recebi, não foi só uma história. De alguma forma, nossa leitora, agora contadora, estava falando dela, de seus anseios, suas vontades e suas conquistas. O livro facilitara um processo de identificação, de estado e sentimentos, e criara uma ponte, um acesso ao seu interior. Este se manifestara através de uma história. Nossos leitores, ouvintes, falantes ou não, quer nos tragam princesas, duendes, tartarugas ou outros animais, têm a oportunidade de se expressarem, serem ouvidos na sua individualidade. As histórias são estruturantes.

Nos despedimos modificadas. Ao sair, o segurança me pediu a etiqueta. A descolei do coração. Só a etiqueta. Muito havia sido colado dentro. O cachorro dormia. E eu pensava no poder das histórias.